

---

## Os condenados da terra, de Frantz Fanon

**José Rosa**

---



**Electronic version**

URL: <http://cultura.revues.org/2585>

DOI: 10.4000/cultura.2585

ISSN: 2183-2021

**Publisher**

Centro de História da Cultura

**Printed version**

Date of publication: 9 juin 2015

ISSN: 0870-4546

**Electronic reference**

José Rosa, « Os condenados da terra, de Frantz Fanon », *Cultura* [Online], Vol. 34 | 2015, Online since 27 July 2016, connection on 04 October 2016. URL : <http://cultura.revues.org/2585> ; DOI : 10.4000/cultura.2585

---

This text was automatically generated on 4 octobre 2016.

© Centro de História da Cultura

---

# Os condenados da terra, de Frantz Fanon

José Rosa

---

- 1 Quando o Daniel Melo me perguntou se tinha havido um livro que tivesse tido influência na minha vida, não demorei um minuto a responder: *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon. Este livro não só me influenciou como mudou o rumo da minha vida.
- 2 Estávamos em 1963. Numa tentativa de me livrar da participação numa guerra colonial injusta, matriculei-me na velhinha Escola Náutica (Marinha Mercante), ainda na Rua do Arsenal em Lisboa. Em princípio iria fazer o serviço militar na Escola Naval (Marinha de Guerra), penso que no Alfeite.
- 3 Nesse ano, o meu irmão Carlos Júlio Simões de Oliveira, mais velho que eu dez anos, engenheiro electrotécnico, regressara do Brasil, casado com uma brasileira, com dois filhos e uma boa biblioteca de literatura e poesia brasileira e, cereja no bolo, muitas obras de autores marxistas, que por cá estavam proibidas.
- 4 Os tempos eram de mudança naquele país, razão pela qual ele fez as malas e zarpou para Portugal. Foi ele quem comprou *Os condenados da terra*, editado pela Ulisseia, em 1961. Ainda hoje me dá gozo a incompetência da nossa censura. Em 1967 essa edição foi censurada e apreendida, “a bem da nação”.<sup>1</sup>
- 5 Fui aconselhado pelo meu irmão a ler a obra, o que fiz com alguma relutância, porque pensava que o meu problema da Guerra Colonial estava ultrapassado. E não é que me enganei? Em 1964 um diploma oficial obrigou todos os alunos da Escola Náutica a cumprirem o serviço militar no “Ultramar”.
- 6 Em Setembro de 1965, assentei praça no quartel de infantaria das Caldas da Rainha. Abandonei o meu posto noutra quartel, o do Regimento de Infantaria n.º 2 (Abrantes), em 1967, quando fui mobilizado para Angola para combater as forças e organizações que lutavam pela liberdade e independência daquela colónia portuguesa. Foi em grande parte Fanon e o seu livro *Os condenados da terra*, que me levaram a praticar aquele acto.

- 7 Frantz Omar Fanon nasceu a 20 de Junho de 1925, na ilha da Martinica, no Caribe francês. Descendente de escravos africanos, cresceu numa família da classe média, com oportunidade de frequentar o liceu, onde foi aluno do escritor, poeta, ensaísta e militante anticolonialista Aimé Césaire (1913-2008).
- 8 Fanon tornar-se-ia um admirador confesso deste ideólogo da “negritude”, movimento assente na valorização das raízes africanas, tendo participado na campanha eleitoral de Césaire para deputado à Assembleia Nacional francesa pelo círculo da Martinica.
- 9 Apesar da sintonia com escritos como *Discurso sobre o colonialismo* (de 1955), Fanon discordou de Césaire quando este promoveu o estatuto de “Département d’Outre-Mer” atribuído ao Caribe francês e a territórios na costa oriental de África, em 1946. A discordância agravou-se quando Césaire fez campanha pelo “sim” da departamentalização, no referendo organizado pelo Presidente De Gaulle, em 1958. Fanon acabaria por criticar os pressupostos da “negritude”, que considerava uma imitação dos erros da civilização ocidental (Frantz Fanon, *Os condenados da terra*, Lisboa, Letra Livre, 2015, p. 217).
- 10 Aos 18 anos, durante a Segunda Guerra Mundial, Fanon juntou-se às Forças Livres Francesas, que operavam a favor dos Aliados na ilha Dominica, e combateu por vários anos no Norte de África e em França. A agudização do racismo que se fez sentir nos anos de guerra e a experiência do nazismo contribuíram em muito para a politização e dissidência de Fanon.
- 11 Por ter combatido por França foi-lhe concedida uma bolsa para estudar naquele país (1946). Licenciou-se em Psiquiatria em 1951. Exerceu em França durante pouco tempo. Partiu para a Argélia e foi neste país que tomou contacto com a guerra da independência. Adere à Frente de Libertação Nacional e defende a inevitabilidade do recurso à violência na luta pela liberdade.
- 12 Foi em França que Fanon percebeu que era considerado negro. Escreve ele:  
Quando éramos estudantes, discutíamos durante horas inteiras sobre os supostos costumes dos selvagens senegaleses. Havia, no nosso discurso, uma inconsciência pelo menos paradoxal. O antilhano não se considerava negro; considerava-se antilhano. O preto vivia na África. Subjectivamente, intelectualmente, o antilhano comportava-se como um branco. Ora, ele é preto. E só perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que se está referindo tanto a ele como ao senegalês. Que conclusão tirar de tudo isto?<sup>2</sup>
- 13 Albert Memmi, o tunisino que Fanon conhecera durante a sua estada em Túnis, afirmou o seguinte em artigo de 1971:  
Na sua curta vida, Frantz Fanon experimentou pelo menos três fracassos graves. Nascido num departamento francês, acreditava-se francês e branco. Quando foi estudar (na Metrópole), fez a dolorosa descoberta de que na sua pátria era negro das Índias Orientais (Antilhas). Enfurecido, decidiu que não seria nem francês, nem das Índias Orientais, mas argelino: não eram os norte-africanos, como ele, ludibriados e vítimas dessa mesma Metrópole?<sup>3</sup>
- 14 Fanon, quando combatera na Segunda Guerra Mundial, já tinha a percepção muito crítica da condição de dominado e de que a experiência africana iria transformar-se numa “raiva vulcânica” (cit. de Jean-Paul Sartre, no prefácio ao livro de Fanon).
- 15 Para Fanon, “o homem colonizado liberta-se pela violência”. Para ele, a violência do colonizado unifica o povo. O campesinato é revolucionário porque, sendo sistematicamente esquecido por todos, é a classe mais desfavorecida, mais pobre, que

mais sofre, mais pronta para a luta de libertação. Assim sendo, nada tem a perder, tudo tem a ganhar.

- 16 Mário Pinto de Andrade, primeiro presidente do MPLA, diz que Fanon não tinha entendido as especificidades dos movimentos de libertação da África subsariana, condicionado como estava pelo ‘modelo argelino’, e critica o que considerou ser a precipitação de Fanon.
- 17 Fanon escrevera que “a fraqueza clássica, quase congénita da consciência nacional dos países subdesenvolvidos (terceiro-mundistas, segundo a teoria maoísta), não é apenas a consequência da mutilação do homem colonizado, é também o resultado da preguiça da burguesia nacional, da sua indigência, da formação profundamente cosmopolita do seu espírito”.
- 18 *Os condenados da terra* é considerado o testamento de F. Fanon. Foi escrito entre Abril e Junho de 1961. Fanon soubera um ano antes que sofria de leucemia e que teria menos de um ano de vida. Morreu aos 36 anos, a 5 de Julho de 1962, num hospital dos EUA, país que sempre considerara um país de linchadores, sete meses antes da proclamação da independência da Argélia (a pátria adoptiva, onde chegara em 1953).
- 19 Uma frase que me marcou nestes últimos 50 anos foi a seguinte: “Cada geração deve, numa relativa opacidade, descobrir a sua missão, cumpri-la, ou traí-la [...]. A nossa missão histórica, a missão daqueles que tomarem a decisão de acabar com o colonialismo, consiste em ordenar todas as revoltas, todos os actos desesperados, todas as tentativas abortadas ou afogadas em sangue.”
- 20 Para Fanon, o colonialismo é muito mais que um sistema definido apenas como exploração estrangeira dos recursos naturais de um território com recurso à mão-de-obra local; é, sobretudo, a “negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade”.
- 21 Foi através da leitura deste livro que compreendi a luta dos que se opunham ao colonizador e que me fez não querer participar numa guerra injusta.

---

## NOTES

1. Ap. versão lida em Mata, 2015: 15. Porém, essa censura será de 1965 (vd. novos dados na nota 18).
2. Cit. *Pele negra, máscaras brancas*, Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008, p. 132.
3. Cit. “La vie impossible de Frantz Fanon”, *Esprit*, Setembro de 1971, p. 248, <<http://www.esprit.presse.fr/archive/review/article.php?code=29875>>.